

Pioneiros do jornalismo científico na América Latina

Os jornalistas da *Asociación Iberoamericana de Periodismo Científico*

DANILO MAGALHÃES

*Programa de Educação, Gestão e Difusão em
Biociências (PEGeD/IBqM)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência
e Tecnologia (INCT-CPCT)*
danilo.magalhaes@bioqmed.ufrj.br
0000-0001-7432-9392

LUISA MASSARANI

*Casa de Oswaldo Cruz
Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)
Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência
e Tecnologia (INCT-CPCT)*
luisa.massarani@fiocruz.br
0000-0002-5710-7242



Em maio de 1969, ao final de uma Mesa-Redonda de Jornalismo Científico organizada pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) em Medellín, na Colômbia, alguns dos jornalistas e cientistas reunidos fundaram a *Asociación Iberoamericana de Periodismo Científico* (AIPC) (Calvo Hernando, 2005). Uma das primeiras associações internacionais dessa especialização do jornalismo, a AIPC tornou-se um importante instrumento na organização e formação dos jornalistas científicos da região e uma incentivadora da criação de associações nacionais de jornalismo científico na América Latina durante a década de 1970 (Massarani & Magalhães, 2023). Ao longo de três décadas de existência, a entidade organizou cursos, seminários e sete congressos ibero-americanos: Venezuela (1974), Espanha (1977), México (1979), Brasil (1982), Espanha (1990), Chile (1996) e Argentina (2000).

Embora a existência de intelectuais e cientistas-divulgadores que colaboravam com os jornais ou que mantinham colunas sobre ciência tivesse já uma presença na imprensa da América Latina, a figura do jornalista científico, capaz de aplicar as técnicas do jornalismo para a divulgação científica nos grandes meios de comunicação, era ainda incipiente na região na década de 1960. Liderados pelo espanhol Manuel Calvo Hernando (1923-2012) e o venezuelano Arísti-

Pour citer cet article

Référence électronique

Danilo Magalhães, Luisa Massarani, « Pioneiros do jornalismo científico na América Latina: Os jornalistas da Asociación Iberoamericana de Periodismo Científico », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 14, n° 1 - 2025, 15 juin - juin 15 - 15 de junio.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v14.n1.2025.600>



des Bastidas (1924-1992), figuras pioneiras do campo, esses atores sociais articularam-se na Associação para debater como garantir mais espaço para ciência e tecnologia nas redações dos jornais da região e seguir avançando na formação de especialistas na área.

Para eles, o jornalismo científico era visto como um importante meio de fornecer informações sobre avanços científicos e tecnológicos e assim contribuir para uma compreensão mais ampla da ciência por parte do público (Calvo Hernando, 1966). Também defendiam que a cobertura de ciência poderia ajudar a criar um clima favorável aos investimentos em ciência e tecnologia, suscitar novas vocações científicas, suprir deficiências na educação formal, combater falsas ciências, entre outros objetivos. Dessa forma, o jornalismo científico era defendido como peça fundamental ao desenvolvimento social e econômico dos países da região (CPCV, 1974).

Mas, afinal, quem foram esses personagens articulados na Associação, que relações mantinham entre si e como atuaram em favor do jornalismo científico na região? Envolvidos nas atividades da Associação e liderando a criação de suas respectivas associações nacionais estiveram nomes como: o venezuelano Aristides Bastidas, supracitado, jornalista do *El Nacional*, de Caracas, e criador do *Círculo de Periodismo Científico de Venezuela* em 1971; o argentino Jacobo Brailovsky (1906-2005), médico de formação e jornalista do *La Nación*, de Buenos Aires, fundador da *Asociación Argentina de Periodismo Científico* em 1969; os brasileiros José Reis (1907-2002), médico e grande nome da divulgação científica brasileira, durante décadas atuando no jornal *Folha de São Paulo*, e Julio Abramczyk (1932-), médico e jornalista também na *Folha*, fundadores da Associação Brasileira de Jornalismo Científico em 1977; o chileno Sergio Prenafeta Jenkin (1939-), biólogo, professor de Biologia, Química e Jornalismo Científico na Universidad de Chile, diretor da revista de divulgação científica *Creces* e um dos fundadores da *Asociación Chilena de Periodismo Científico* em 1976; o mexicano Javier Vega Cisneros (1930-2000), engenheiro e jornalista, professor de Física na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) e fundador da *Asociación Mexicana de Periodismo Científico* em 1978; para citar algumas das lideranças, quase todos muito atuantes na AIPC¹.

Uma questão que merece ser aprofundada é compreender melhor quem foram os pioneiros do jornalismo científico profissional na América Latina. Entendemos que uma via possível para traçar o perfil desses pioneiros é investigar o perfil dos indivíduos que estiveram envolvidos nos primeiros anos da AIPC, entre o final da década de 1960 e o início da década de 1980, e que foram lideranças em seus respectivos países. Nossas perguntas de pesquisa, por-

Figura 1: Manuel Calvo Hernando e Aristides Bastidas no I Congresso Ibero-Americano de Jornalismo Científico, em Caracas, Venezuela, em 1974.



Fonte: Acervo pessoal de Manuel Calvo Hernando

tanto, são: (1) qual o perfil dos jornalistas envolvidos nos primeiros anos da *Asociación Iberoamericana de Periodismo Científico* (AIPC)?, (2) o que eles têm em comum e de diferente entre si? e (3) o que esse perfil indica sobre o início do processo de profissionalização do campo? O objetivo deste artigo, então, é apresentar um perfil coletivo desses jornalistas científicos que atuaram no período, comparando com o que se sabe sobre os jornalistas especializados em ciência que atuam hoje na região.

A formação do campo do jornalismo científico e sua profissionalização

Na América Latina, a história da divulgação científica, em geral, e do jornalismo científico, em particular, é um campo de estudos de exploração incipiente mas que registrou avanços nos últimos anos (Rosen & Cruz-Mena, 2015). Pesquisas como as de Cortassa e Rosen (2020), Massarani e Moreira (2020), Daza-Caiçedo e colaboradoras (2020) e Reynoso-Haynes e colaboradoras (2020), por exemplo, trazem informações importantes sobre a história do jornalismo científico em seus países, respectivamente Argentina, Brasil, Colômbia e México. No caso brasileiro, um conjunto de estudos nas últimas duas décadas analisou as seções de ciências nos jornais do país no pós-Segunda Guerra, como os trabalhos de Esteves, Massarani e Moreira (2006) e Faria, Massarani e Moreira (2022). Outros trabalhos focaram nas trajetórias de divulgadores, como o de Alves (2018) sobre o já mencionado José Reis. Por sua vez, Massarani (2021) apresentou dados sobre um dos primeiros eventos em jornalismo científico da América Latina, no Chile, em 1962, que representou um marco na história do campo. Investigações como essas ajudam a pensar como esse campo profissional se formou e quais as mudanças que ele sofreu até os dias atuais.

Quando observamos as décadas de 1960, 1970 e início de 1980, estamos diante do processo inicial de formação e profissionalização do campo do jornalismo científico latino-americano², intimamente relacionado com processos e transformações vivenciados na imprensa e no jornalismo, no campo científico (em sua institucionalização e fortalecimento) e no próprio campo da divulgação científica (Montes de Oca, 2017).

Até então, a presença da ciência nos jornais dava-se prioritariamente por meio da atuação de intelectuais e cientistas-divulgadores. Por exemplo, a divulgação científica na imprensa brasileira no período democrático de 1945 a 1964 era realizada majoritariamente por cientistas-divulgadores que colaboravam periodicamente escrevendo artigos sobre pesquisas ou sobre temas científicos pontuais ou que tinham colunas fixas de ciências nos jornais brasileiros (de maneira remunerada muitas vezes, mas não como principal fonte de renda) e que o faziam movidos por objetivos de apresentar a ciência à população, angariar apoios à institucionalização da ciência, valorizar os cientistas, reivindicar melhores condições para as pesquisas, suprir deficiências do ensino formal, formar novas vocações, entre outros (Esteves et al., 2006; Faria et al., 2022). Esses cientistas-divulgadores não tinham os jornais como principal ocupação, tampouco o tinham como projeto em suas carreiras e não viam sua colaboração nos jornais como uma profissão. Eram acima de tudo cientistas. Além disso, alguns dos que colaboravam com os jornais nas décadas de 1940 e 1950 eram jovens cientistas em início de carreira, ao menos no caso brasileiro. Em conjunto, eles seriam cientistas com aspirações na ciência e engajados em ações de divulgação como parte de um projeto de valorização da ciência e educação do povo.

A partir dos anos 1950 e mais fortemente a partir dos anos 1960, no contexto latino-americano, há a entrada de novos atores na publicação de informações científicas nos grandes meios de comunicação de massa. Indivíduos que passaram a se dedicar ao jornalismo científico como uma especialização no interior do jornalismo e como um horizonte de carreira em si mesmo, muitas vezes identificando-se como jornalistas, tendo os jornais como principal fonte de renda, dialogando com as teorias da Comunicação, pensando o enorme poder e alcance que os meios de comunicação de massa tinham nas populações da região e associando-se nas nascentes associações de jornalismo científico. Essa geração de pioneiros no campo buscava pensar o papel do jornalismo científico, o tipo de linguagem que deveriam empregar e a forma como deveriam se relacionar com os cientistas, suas principais fontes para a elaboração de reportagens e artigos. Buscavam, igualmente, a constituição do “jornalista científico” como uma identidade própria, realizando, por meio dos congressos, encontros e cursos que or-

ganizavam, uma valorização dessa nova identidade no contexto intelectual e científico da região, demarcando assim seus objetivos, sua importância, sua missão, seus desafios e seus limites. Durante as décadas de 1960 e 1970, esses atores, em conjunto com organizações como a OEA, a SIP e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), promoveram um verdadeiro “movimento” em prol do jornalismo científico, com a realização de cursos, seminários, congressos e a criação de associações profissionais, criando um cenário de entusiasmo pelo jornalismo científico (Massarani et al., 2015) e as bases para as gerações seguintes na profissão.

Esse perfil de profissionais mais identificados ao jornalismo é condizente com alterações no próprio campo da imprensa e do jornalismo. Na segunda metade do século XX intensificaram-se processos históricos importantes, como observam Neveu (2006) e Serra e Bergamo (2020). A imprensa passou a se concentrar em grandes jornais, cada vez mais inseridos na lógica empresarial, com aumento na tiragem e na circulação. No modelo de jornalismo praticado, tornou-se hegemônico um jornalismo objetivo, de inspiração anglo-americana, substituindo o antigo jornalismo de opinião. Isso teve implicações para a identidade do jornalista como profissional. Segundo Serra e Bergamo (2020), houve a emergência de um discurso profissional de autolegitimação do ofício jornalístico, sustentado por noções como neutralidade e objetividade e o distanciamento paulatino entre o ofício jornalístico e atividades antes praticadas de forma concomitante a ele, como a política, a literatura e o funcionalismo público (e talvez seja possível incluir, pensando no caso dos cientistas-divulgadores, a ciência). Associando à prática jornalística tarefas e competências próprias (distintas das de escritores, intelectuais, artistas, políticos e cientistas), esse modelo fez do jornalismo uma atividade pensável como uma profissão à parte, abrindo a seus praticantes perspectivas de carreira (Neveu, 2006) e de especialização (Marchetti, 2020).

A partir dos anos 1980, ocorreu o ingresso no mercado de trabalho de jovens jornalistas oriundos das faculdades de Comunicação e Jornalismo, configurando parte da nova onda de jornalismo científico na época (Bauer, 2012; Massarani et al., 2013). Observando o caso brasileiro, Bergamo (2020) aponta que a entrada de jornalistas oriundos das faculdades, portadores de diploma e de um conjunto de habilidades e autopercepções de identidade do ofício, a partir da década de 1980, implicou em conflitos importantes entre os “antigos” e os “novos” jornalistas e que esses conflitos refletiam significativas modificações nas formas de trabalho e em sua identidade profissional. No jornalismo científico, esses novos jornalistas ingressaram no campo treinados nas técnicas do jornalismo e com uma maior presença nas pós-graduações. De maneira geral, como

observam Massarani e colaboradores (2007), a década de 1980 foi um momento importante para o jornalismo científico na América Latina, com o aparecimento de novas revistas de ciências e mais espaço para as seções de ciências nos jornais diários e nas revistas. É também o período em que se registram os primeiros trabalhos acadêmicos em divulgação científica, como a tese de doutorado de Wilson Bueno (1984) sobre jornalismo científico, defendida em 1984, ao que tudo indica a primeira da América Latina. Esse perfil de jornalistas com formação nas escolas de Comunicação avançou e é hegemônico hoje. Na *survey* mais recente realizada por Massarani e colaboradores (2022), observou-se que, de 179 jornalistas científicos atualmente atuantes e que responderam ao questionário, 75% têm formação em Jornalismo.

Entre a geração que se iniciou nos anos 1980 e a geração que estava atuando nas décadas anteriores há diferenças significativas em termos de técnicas, expectativas de carreira, lugar que a prática jornalística ocupava em suas trajetórias, identidade profissional, projetos políticos, entre outras. Analisar o perfil coletivo desses jornalistas científicos atuantes nas décadas de 1960, 1970 e início dos anos 1980 é uma forma de conhecer melhor quem foram os atores que fizeram o movimento em prol do jornalismo científico na região e que estruturaram o campo. Conhecer a composição social do grupo de indivíduos que, por meio de suas ações, falas, estratégias políticas, articulações entre si e com instituições, estruturou o campo do jornalismo científico na região, ajuda a pensar esse movimento e abre caminho para novas questões, podendo configurar-se como um passo importante na pesquisa sobre a história do jornalismo científico na América Latina na segunda metade do século XX.

Biografia Coletiva

Para responder às perguntas de pesquisa - (1) qual o perfil dos jornalistas envolvidos nos primeiros anos da *Asociación Iberoamericana de Periodismo Científico* (AIPC)?, (2) o que eles têm em comum e de diferente entre si? e (3) o que esse perfil indica sobre o início do processo de profissionalização do campo? - recorremos à chamada “biografia coletiva” ou “prosopografia” (Charle, 2006).

O método das biografias coletivas busca revelar as características comuns de um determinado grupo social em dado período histórico (Charle, 2006). Roy e Saint-Pierre (2006) entendem a biografia coletiva como a reunião de dados biográficos, como origens sociais e posições econômicas herdadas, educação, religião, formação, ocupação, experiência profissional, entre outros, de um grupo de atores históricos que têm algo em comum, seja uma função, uma atividade ou ainda uma posição social. Assim, o método busca

apontar para os perfis sociais de determinados grupos sociais, categorias profissionais ou coletividades históricas, dando destaque para os mecanismos coletivos de recrutamento e reprodução social que caracterizam as trajetórias sociais e estratégias de carreira dos indivíduos (Heinz, 2006).

Roy e Saint-Pierre (2006) apontam que a biografia coletiva pode ser melhor realizada sobre grupos bem documentados e que a qualidade e quantidade das informações por vezes costumam limitá-la consideravelmente. Como observa Charle (2006), entre as diversas categorias profissionais incluídas no método, os jornalistas compõem um dos grupos sociais objeto de biografias coletivas por parte de historiadores, especialmente porque costumam deixar muitos vestígios de suas trajetórias nas publicações midiáticas. Mas isso tende a ser mais verdadeiro para alguns jornalistas e não para outros. Como apontam Serra e Bergamo (2020), as elites do jornalismo costumam ter práticas sociais de registro mais frequentes e disponíveis do que aqueles jornalistas que ocupam posições mais baixas nas hierarquias da profissão. Se pensados no interior da imprensa, jornalistas científicos tiveram (e continuam tendo) prestígio bem inferior ao de outras áreas temáticas e, portanto, menor espaço nos jornais. A aplicação desse método, no entanto, torna-se possível no nosso caso porque damos foco a jornalistas que tiveram algum destaque no interior desse subcampo jornalístico em seus respectivos países e numa dimensão internacional. Porém, é importante notar que há grandes desigualdades de informação disponível sobre esse conjunto de jornalistas, desigualdades essas muito provavelmente associadas a fatores como o desenvolvimento e importância adquiridos pelo jornalismo científico nos diferentes países (os processos de profissionalização e institucionalização do campo são bastante desiguais na região), a digitalização de documentos relacionados à imprensa nesses países (portanto, sua acessibilidade) ou o prestígio relativo desses profissionais, prestígio esse constituído não somente por conta de sua habilidade jornalística, mas por outros fatores. Sobre o venezuelano Arístides Bastidas, por exemplo, que alcançou uma posição importante no jornalismo venezuelano, há muito material que registra sua trajetória e seus feitos profissionais. Sobre outros, a escassez de informações já é bem maior.

Um dos fatores que aparentemente influencia na disponibilidade documental desse grupo é o gênero. As informações sobre mulheres jornalistas são mais escassas do que sobre homens, refletindo processos históricos de invisibilização feminina no mercado de trabalho e nas esferas públicas, assim como nas pesquisas históricas e nas práticas arquivísticas. Como mostra LaFollette (2023), recuperando a trajetória das pioneiras do jornalismo científico norte-americano, “escondidas à vista de todos”, as dificuldades

em acessar as documentações de mulheres jornalistas passam por diversos fatores: entre eles, artigos publicados sem autoria; a maior atenção que historiadores da ciência deram a cientistas em detrimento de quem escreve sobre ciência; a atenção de historiadores do jornalismo mais voltada às seções de maior prestígio e mais masculinas (como política e economia); a negligência histórica com arquivos de mulheres. A escassez de documentos sobre mulheres nos arquivos públicos e na internet, assim como a falta de preservação de arquivos pessoais de mulheres, têm sido problematizados apenas nas últimas décadas (Cerchiaro & Alves, 2022).

Um outro ponto importante é que aplicar a análise prosopográfica a esses jornalistas científicos não significa afirmar que eles compunham um grupo social homogêneo ou coeso. Apesar de haver coincidências entre as trajetórias, importa ver também as diferenças. Embora muitos tenham mantido relações, o que os une é basicamente a atividade exercida e a aproximação que tiveram com os eventos da década de 1960 e com a AIPC.

Procedimentos metodológicos

Roy e Saint-Pierre (2006) apontam que a abordagem prosopográfica comporta três etapas. O estabelecimento de uma lista geral de indivíduos que formam a população estudada é a primeira. Uma vez a listagem pronta, a segunda etapa consiste em levantar a documentação e criar um verbete ou nota biográfica para cada indivíduo, retomando os momentos importantes de sua vida e de sua carreira. A terceira etapa consiste em, a partir do material reunido, analisar comparativamente o conjunto de notas biográficas para realçar os pontos em comum e as particularidades, para se chegar, enfim, a uma síntese.

Este estudo foi possível graças ao acesso ao acervo pessoal de Manuel Calvo Hernando na Espanha em janeiro de 2023. Ele nos permitiu a visualização da rede de jornalistas que se articulou nos eventos da década de 1960 e em torno da AIPC.

Manuel Calvo Hernando é uma grande referência para o jornalismo científico ibero-americano. Formado em Direito e com uma especialização em Jornalismo, Calvo Hernando se dedicou ao jornalismo científico desde o início dos anos 1960, especialmente no jornal madrileno *Ya*. Além de milhares de artigos publicados nos jornais sobre ciência, saúde, tecnologia e meio ambiente, o jornalista espanhol deu cursos e palestras sobre jornalismo científico em diversos países da América Latina e publicou livros sobre a prática e a teoria do ofício. Entre seus livros, destacam-se *El Periodismo Científico* (1965), primeiro livro sobre o tema publicado em espanhol, *Manual de Periodismo Cientí-*

fico (1997) e *Arte y ciencia de divulgar el conocimiento* (2006), livros com ampla circulação entre jornalistas latino-americanos. Como secretário-geral, Calvo Hernando exerceu, por meio de cartas, um papel de articulação da rede de jornalistas organizada na AIPC (Massarani & Magalhães, 2023). Por tudo isso, tornou-se uma figura central para se entender os percursos do jornalismo científico na região na segunda metade do século XX.

O primeiro passo foi a análise do conjunto de documentos que formam o acervo pessoal de Manuel Calvo Hernando. O acervo está composto de correspondência pessoal, fotografias, recortes de artigos publicados por Calvo Hernando em jornais, recortes de jornais sobre o autor e seu trabalho, textos publicados e não publicados, documentos pessoais, diários de viagem, registros de encontros de divulgação e jornalismo científico organizados desde a década de 1960 na região ibero-americana, documentos institucionais, certificados e os livros de memória dos quatro primeiros congressos da AIPC.

Uma maneira de observar o campo foi analisar os livros de memória desses quatro primeiros congressos (1974, 1977, 1979 e 1982). Nesses livros, há no final os nomes dos participantes presentes. Pudemos ver que o número de presentes nos congressos foi de 118 em 1974, 111 em 1977, 227 em 1979 e 209 em 1982. Considerando que, além dos jornalistas científicos atuantes naquele momento, os congressos atraíram perfis muito distintos (cientistas, comunicadores, teóricos da comunicação, gestores, estudantes de graduação), podemos inferir que os nomes não retratam bem quem eram os jornalistas científicos envolvidos com as ações da AIPC. Uma maneira de nos aproximarmos da composição do campo, então, foi observar quantos, entre os presentes, estiveram em mais de um congresso. Assim, chegamos a um número de 43 pessoas de 15 países, nos aproximando muito mais da possibilidade de se traçar um retrato do campo no período. Isso não significa que esses eram os únicos jornalistas científicos atuantes na época, longe disso. Há muitos fatores que determinam a participação ou não de um indivíduo em um congresso de uma associação internacional profissional: o acesso à verba para o custeio da viagem, a filiação à associação e seus ideais etc. No entanto, essa é uma maneira possível de nos aproximarmos desse grupo.

Analisando o conjunto de documentos de Manuel Calvo Hernando, especialmente as suas cartas e textos, pudemos estabelecer a rede de relações de Calvo Hernando na América Latina e quais os nomes de jornalistas que estiveram mais envolvidos no movimento estudado, nas ações da AIPC e na criação e liderança das associações nacionais, e assim constatar que algumas das lideranças do nascente jornalismo científico profissional da época estavam de fora dessa lista por

terem comparecido a apenas um congresso. É o caso do brasileiro José Reis³, que não poderia ficar de fora do estudo. Assim, incluímos alguns desses nomes, chegando a uma lista final de 57 indivíduos de 16 países. Uma tabela com os nomes, países, ano de nascimento e morte, formação e veículo para o qual escreveu está disponível no Anexo 1.

Como aponta Heinz (2006), o método das biografias coletivas depende muito fortemente da qualidade das fontes documentais de que faz uso e frequentemente utiliza fontes bastante heterogêneas na busca pelas informações dos indivíduos do grupo em questão. Com a lista de jornalistas estabelecida a partir da documentação de Calvo Hernando, buscou-se estabelecer, na medida do possível, por meio desses documentos, na internet e em entrevistas com os que estão vivos, os seguintes dados sobre cada um: ano de nascimento e morte, gênero, local de origem, formação, religião, filiação política, cargos exercidos nos jornais e outras instituições, publicação de livros, presença ou ausência de carreira científica e se o jornalismo se configurava como ocupação exclusiva ou não. As fontes consultadas na internet foram bastante diversas, como é comum no método. Foram consultados trabalhos acadêmicos, publicações na imprensa que estão digitalizadas, registros em blogs e redes sociais, elogios fúnebres, textos biográficos e autobiográficos, projetos de memória da imprensa, entre outros, variando para cada um dos nomes. Foram realizadas cinco entrevistas, três com jornalistas científicos da lista - o brasileiro Julio Abramczyk (abril de 2023), o chileno Sergio Prenafeta Jenkins (abril de 2023) e o colombiano Antonio Cacua Prada (maio de 2023), que forneceram dados sobre si mesmos e sobre outros colegas de profissão -, uma com a jornalista científica venezuelana Acianela Montes de Oca (novembro de 2023), discípula de Arístides Bastidas, e uma com o jornalista científico norte-americano James Cornell (outubro de 2023), ex-presidente da *International Science Writers Association* (ISWA) e que mantinha contatos com os jornalistas ibero-americanos.

Há muitas lacunas que não foram preenchidas e que configuram limites do estudo. Entretanto, os dados coletados nos permitem uma visualização dessa geração. A seguir, apresentamos os resultados.

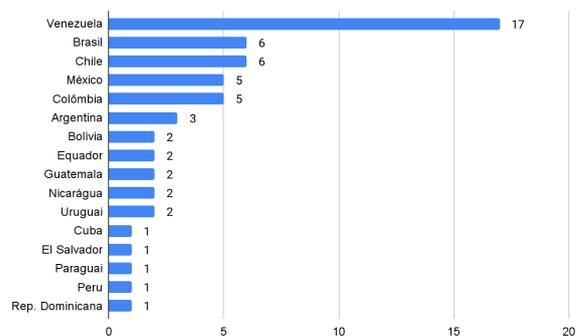
RESULTADOS

Um primeiro aspecto relevante é que esse grupo, em conjunto, representa um universo relativamente restrito. Com exceção da Venezuela, que viu a participação de um grupo maior de indivíduos desde a década de 1970 em comparação com outros países, houve poucos participantes de cada país. Se observarmos sua distribuição por país, vemos que o grupo venezuelano

era muito forte e muito ativo nos congressos da AIPC, com 17 participantes recorrentes.

A maioria das associações nacionais de jornalismo científico criadas na década de 1970 era composta por poucos nomes que buscavam basicamente criar o campo em seus respectivos contextos. Para efeito de comparação, em meados da década de 1970, a *National Association of Science Writers* (NASW), dos Estados Unidos, já tinha cerca de 1.000 membros e a *Association of British Science Writers* (ABSW), da Inglaterra, cerca de 200 membros (Lewenstein, 1989), enquanto nas associações nacionais emergentes da América Latina o número de membros raramente ultrapassava uma dezena.

Gráfico 1: Distribuição dos jornalistas científicos da AIPC por países



Perfis nacionais do jornalismo científico latino-americano

Cada contexto nacional pode ser observado em separado com características particulares. À seguir mencionamos alguns.

No caso argentino, os jornalistas se concentravam em Buenos Aires, eram mais velhos do que o restante, dedicavam-se ao jornalismo científico desde a primeira metade do século XX e voltavam sua produção mais para a área da saúde, podendo ser considerados pioneiros no jornalismo de saúde. Jacobo Brailovsky e Celestino Jorge Lebrón eram médicos de formação e atuaram como médicos e jornalistas concomitantemente durante toda a carreira (caso semelhante ao do brasileiro Julio Abramczyk, que atuou como médico e jornalista desde os anos 1960). Já Miguel Muhlmann foi professor de Ciências Biológicas na Universidade de Buenos Aires e publicou livros sobre jornalismo científico.

No caso brasileiro, os jornalistas se concentravam em São Paulo e trabalhavam para os jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. José Reis era o principal nome. Ele havia atuado como cientista e, a partir do final da década de 1940, deixou o laboratório

e passou a atuar somente como jornalista científico até falecer em 2002. Esteve envolvido também na política científica, participando da criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em 1948, e em atividades de educação científica, em especial na implantação das primeiras feiras de ciências no país (Alves, 2018).

Ainda no caso brasileiro, Julio Abramczyk e Marco Antonio Filippi foram muito atuantes nos primeiros anos da AIPC. Formado em Física, Filippi atuava como jornalista do *Estado de São Paulo* e esteve presente em uma série de encontros de jornalismo científico na década de 1960 que resultaram na criação da AIPC.

No contexto chileno, destacamos que os jornalistas estiveram envolvidos na criação de uma associação nacional muito ativa nos primeiros anos, a *Asociación Chilena de Periodismo Científico* (ACHIPEC), que segue atuante até hoje. Boa parte deles atuava em Santiago, mas é possível perceber que o caso chileno é um dos mais descentralizados, com jornalistas atuando em outras cidades. Muitos foram professores de jornalismo nas universidades chilenas, como o já destacado Sergio Prenafeta, Eduardo Latorre Gaete (responsável por introduzir a primeira cátedra de Jornalismo Científico no país, na Universidad de Chile), Eduardo Reyes Frías (professor e diretor da Escola de Comunicação da Universidad Viña del Mar) e Juan Alberto Morales Malva (químico espanhol, emigrado aos 20 anos para o Chile, professor na Universidad de Chile).

No caso colombiano, destacamos um perfil distinto dos outros: os jornalistas científicos que tinham formação em Direito e Letras e que também tiveram atuação como políticos e embaixadores, muito bem relacionados nas elites colombianas. É o caso do historiador, professor universitário, jornalista, diplomata e senador Antonio Cacia Prada e do jornalista, filólogo e diplomata Antonio Panesso Robledo. A esse perfil pode ser acrescentado o caso do boliviano Carlos Romero, advogado, jornalista e diplomata pertencente a uma família de muito destaque na política e na economia boliviana, dona de um dos principais jornais do país, o *El Diálogo*, de La Paz, para o qual Romero escrevia. No caso colombiano, destaca-se ainda a figura do físico e jornalista Josué Muñoz Quedo, que destacou-se no campo latino-americano como diretor do *Centro Interamericano de Periodismo Educativo y Científico* (CIMPEC), programa da OEA com sede em Bogotá, criado em 1969, que durante duas décadas preparou informativos de ciência e tecnologia para a imprensa, manuais de jornalismo científico, promoveu estudos sobre a presença de ciência na imprensa da região e seminários de formação em jornalismo científico.

No México, uma característica importante é a vinculação dos jornalistas (majoritariamente físicos e engenheiros) à Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), tão central nos percursos da ciência e da divulgação científica mexicana (Reynoso-Haynes et al., 2020). O engenheiro Javier Vega Cisneros, professor de Física na UNAM, foi um dos fundadores da Associação Mexicana e articulou um grupo de engenheiros para fazer avançar o tema do jornalismo científico no país. Vale mencionar o nome de Juan José Morales Barbosa, também formado em Física, como um perfil emblemático: logo jovem passou a escrever sobre ciências para jornais, em especial para o *El Universal*, e ao longo da vida teve um programa de rádio sobre ciências, dirigiu uma casa de cultura e um planetário, criou a cátedra de Jornalismo Científico na Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da UNAM e publicou livros de divulgação.

A atuação como professor universitário é uma das características do conjunto de jornalistas. Entre os 57 nomes, identificamos que ao menos 17 deles foram professores universitários, a maioria durante boa parte de sua carreira. Destes, nove foram professores nas escolas de Jornalismo e Comunicação de universidades de seus países. Essa inserção nas universidades indica que eles estavam muito próximos das suas fontes de informação e, no caso dos professores de jornalismo, que estiveram envolvidos no avanço da presença do jornalismo científico na formação acadêmica, uma das propostas debatidas nos congressos da AIPC.

Um último destaque é dado ao caso venezuelano. O grupo era o maior e mais ativo, fazendo com que Calvo Hernando (2005) afirmasse que, na década de 1970, a Venezuela era o caso mais avançado na divulgação científica latino-americana. O grupo estava muito fortemente vinculado à liderança de Arístides Bastidas. Em 1975, Bastidas criou uma escola de treinamento para jornalistas científicos, conhecida como a "*Brujoteca*". Nela, formou jornalistas científicos ensinando-os o ofício a partir de sua própria perspectiva. Um outro ponto a se destacar era a orientação política do grupo venezuelano. Arístides Bastidas e o jornalista Manuel Isidro Molina eram filiados ao Partido Comunista da Venezuela. Como lembra a jornalista de ciências venezuelana e discípula de Bastidas Acianela Montes de Oca, em entrevista⁴, essa vinculação dava ao grupo um caráter progressista em suas posições sobre os objetivos da divulgação científica. Já para o escritor científico norte-americano James Cornell, em entrevista⁵, isso se refletia na vontade dos venezuelanos, inspirados pela tradição sindicalista, de fazer avançar o associativismo dos jornalistas científicos. A vinculação ao campo de esquerda também se faz presente no caso cubano, com Gilberto Caballero Almeida, apoiador da revolução

cubana, criador do *Círculo de Periodismo Científico de Cuba* e que dá nome ao atual prêmio cubano de jornalismo científico, e no caso dominicano, com Felipe Collado, que participou da Revolução de 1965 na República Dominicana. Por outro lado, havia jornalistas mais ligados aos setores conservadores da política latino-americana, como o caso do colombiano Antonio Cacia Prada, que foi senador pelo Partido Conservador Colombiano. Essa heterogeneidade em relação às ideologias políticas aponta para algumas questões que mereceriam um estudo mais aprofundado à parte: como indivíduos de pensamentos tão diferentes conviveram nos congressos e atividades da AIPC e como essas filiações se refletiam em suas visões sobre a importância e papel da ciência e do jornalismo científico?

Figura 2: *Jornalistas científicos durante reunião da direção da AIPC em Caracas, 1976.*

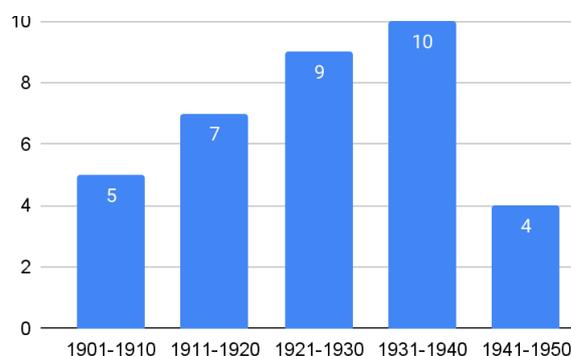


Legenda: Na fotografia, vemos alguns dos personagens desta história reunidos. À esquerda, o brasileiro Marco Antonio Filippi; segurando uma folha na mão direita o espanhol Manuel Calvo Hernando; na cadeira de rodas o venezuelano Arístides Bastidas; o argentino Jacobo Brailovsky atrás de Bastidas; o colombiano Josué Muñoz Quevedo ao lado direito de Brailovsky. Fonte: Acervo pessoal de Manuel Calvo Hernando.

Perfil etário dos pioneiros do jornalismo científico

Também conseguimos observar a data de nascimento de 35 indivíduos do grupo. Os mais velhos, como o brasileiro José Reis e os argentinos Jacobo Brailovsky e Celestino Jorge Lebrón, haviam nascido na primeira década do século XX, enquanto os mais novos, como o dominicano Felipe Collado, o guatemalteco Juan Molina Palacios e o cubano Gilberto Caballero Almeida, eram nascidos na década de 1940. Portanto, quarenta anos diferenciavam as duas gerações.

Gráfico 2: *Distribuição dos jornalistas científicos da AIPC por década de nascimento*



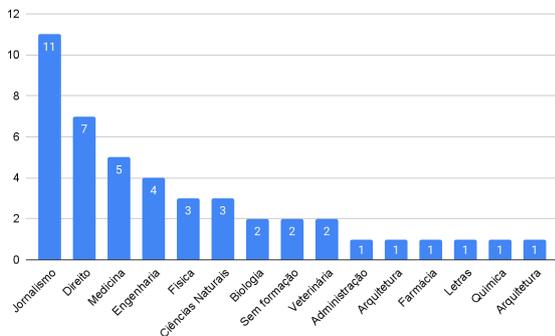
Os dados levantados apontaram maior concentração de nascidos nas décadas de 1921-1930 (9) e 1931-1940 (10). Na ocasião do primeiro Congresso da AIPC, em 1974, a média de idade desses jornalistas era de 48 anos, ou seja, à exceção dos últimos mencionados, a maioria deles estavam em etapas avançadas da carreira. Isso significa que a AIPC foi uma organização cujas lideranças já tinham uma larga experiência no campo. Significa também que, na década de 1990, esses jornalistas já estavam se aposentando ou haviam falecido, o que pode explicar, em parte, o fato da Associação ter perdido o fôlego e deixado de existir no início dos anos 2000. Outro dado importante é que a maioria desses jornalistas fizeram suas formações nas décadas de 1940 e 1950, no pós-II Guerra Mundial, momento de muitos avanços na institucionalização da ciência latino-americana e de grande impulso à divulgação científica (Esteves et al., 2006; Faria et al., 2022).

Formação acadêmica dos primeiros jornalistas científicos

A identificação das áreas de formação de 43 dos 57 indivíduos, permite a observação de que eles são, em sua maioria, oriundos das carreiras científicas, médicas e humanidades mas que em algum momento de sua trajetória migraram para o jornalismo, dedicando-se integralmente ao ofício ou mantendo uma dupla atuação como cientistas ou médicos e jornalistas. Ao contrário da geração anterior de divulgadores, a maioria desses profissionais tinham o jornalismo de ciências como parte do seu horizonte de carreira e de sua identidade profissional, mas boa parte ainda não tinha formação na área. Como ex-cientistas ou como cientistas, médicos e engenheiros atuantes, mantinham muitas conexões com os institutos de pesquisa, as universidades e as sociedades científicas, relações que facilitavam sua construção das matérias e artigos. O modelo do cientista com atuação no jornalismo científico é muito claro no caso guatemalteco (Jorge Ibarra, naturalista, divulgador, diretor do Museu de História Natural) e no equatoriano (Misael Acosta

Solís, geobotânico, redator de ciências, atuante em sociedades científicas).

Gráfico 3: Distribuição das áreas de formação conhecidas



Os 11 indivíduos portadores do diploma de Jornalismo ou Comunicação eram os mais novos do grupo ou os que fizeram uma graduação tardia (caso da venezuelana Ada Perez Guevara e do chileno Eduardo Reyes Frías). Quando esse grupo fez suas formações, o diploma de Jornalismo não era algo presente nas redações e a maioria das escolas de Jornalismo e Comunicação da região ainda se consolidava. Tampouco havia exigência de diploma para atuação na área. Alguns deles, inclusive, tiveram atuação na instalação de Escolas de Jornalismo nas universidades de seus países, como é o caso dos nicaraguenses Eduardo Matus e Juan Molina Palacios. A formação em Jornalismo ou Comunicação, que é característica da geração seguinte a esta estudada aqui e que configura a maioria da formação dos jornalistas científicos atuando hoje, é presente apenas nos casos venezuelano (5), chileno (2), brasileiro (1), boliviano (1), cubano (1) e dominicano (1).

Esses dados refletem a percepção de Sánchez-Mora e colaboradoras (2015), segundo as quais, no caso mexicano, uma primeira geração de divulgadores de ciência começou a tomar forma durante o final da década de 1960 e a década de 1970, a maioria deles oriunda de uma formação científica, alguns poucos já do campo da Comunicação e sem uma formação específica em divulgação científica (inexistente à época).

Os venezuelanos Aristides Bastidas e Manuel Isidro Molina são exceções no sentido de serem os únicos autodidatas sem formação superior. Como apontam Serra e Bergamo (2020), o autodidatismo e a aprendizagem prática no ambiente das redações, associados a uma origem social não-privilegiada, eram características possíveis e valorizadas no meio jornalístico, mas, como aponta Marchetti (2020), com as transformações no jornalismo durante a segunda metade do século XX, trajetórias autodidatas no meio tendem a ser cada vez mais raras.

Maioria masculina e progressiva feminização do campo

Um aspecto importante é que a grande maioria desses jornalistas eram homens. Entre os 57 indivíduos que compõem nosso *corpus*, vemos que 48 (84,2%) eram homens e apenas 9 (15,8%) eram mulheres. Esse não é um dado surpreendente. De uma maneira geral, tanto o jornalismo quanto a ciência nos países da região eram áreas historicamente dominadas por homens. No contexto do jornalismo científico latino-americano, Massarani (2021) já havia observado que no primeiro encontro de jornalismo de ciências de que se tem notícia realizado na América Latina, em 1962, no Chile, todos os presentes eram homens e que isso refletia o predomínio masculino tanto na ciência quanto no jornalismo.

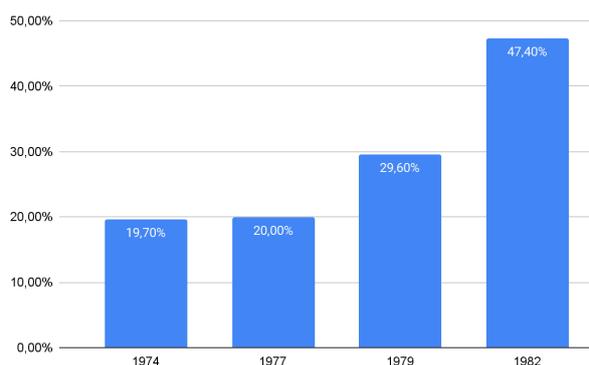
Um dado que é preciso considerar é que o grupo histórico analisado é de lideranças entre os jornalistas, posições sociais que historicamente e ainda hoje são mais comumente ocupadas por homens. Ainda assim, dada a composição de gênero desses dois campos no momento histórico estudado, é possível supor que de fato o conjunto dos jornalistas que cobriam temas de ciência e tecnologia nos jornais da América Latina fosse de grande maioria masculina. Para comparação, em estudo sobre os jornalistas científicos atuantes nos Estados Unidos no mesmo período, Dunwoody (1980) observou que a grande maioria também eram homens. Dos 28 jornalistas e escritores de ciências empregados nos veículos de maior prestígio e estudados por ela no final da década de 1970 nos Estados Unidos, apenas três eram mulheres. Nesse sentido, o contexto latino-americano estava condizente com o padrão internacional da época.

O campo do jornalismo científico historicamente se configurou como uma área predominantemente masculina (LaFollette, 2023). As jornalistas de ciência e tecnologia tiveram que enfrentar os desafios das desigualdades de gênero no meio jornalístico e científico, contornando seminários acadêmicos às vezes majoritariamente masculinos, desconfiança de cientistas e desigualdades de posições, oportunidades e salários nas redações dos jornais. Ainda hoje estão sujeitas a várias desigualdades, como uma maior cobrança por produtividade (Massarani et al., 2021) e, como na própria ciência, se encaminham aos “temas femininos”, como saúde e biologia (LaFollette, 2023). Em um estudo realizado há uma década, as jornalistas que cobrem ciências também se viam mais no papel divulgativo e informativo sobre ciências do que os homens, que se percebiam mais como críticos e “*watchdogs*” da ciência (Bauer et al., 2013).

Os congressos da AIPC eram ambientes majoritariamente masculinos. No entanto, um dado interes-

sante é que a composição de gênero dos eventos foi se alterando. Nos dois primeiros há uma semelhança: em 1974, dos 118 participantes, 23 eram mulheres (19,7%); e, em 1977, dos 110 participantes, apenas 22 eram mulheres (20%). Já em 1979, dos 227 presentes, 67 eram mulheres (29,6%). E em 1982, dos 209 participantes, 99 (47,4%), quase metade, eram mulheres. Isso pode ter relação com uma progressiva mudança no campo (a entrada de mais mulheres jornalistas oriundas das faculdades de Jornalismo ou Comunicação Social), com um aumento na capacidade dos congressos em atrair mulheres de diferentes perfis (além de jornalistas: cientistas, gestoras, divulgadoras, estudantes de graduação) ou com a realidade específica dos países nos quais foram organizados (Venezuela, Espanha, México e Brasil). O fato é que progressivamente os eventos foram se tornando espaços menos intimidadores para as jornalistas.

Gráfico 4: Composição de gênero dos quatro primeiros congressos da Associação Iberoamericana de Periodismo Científico



Se compararmos esse dado sobre a composição de gênero dos jornalistas científicos latino-americanos das décadas de 1960 e 1970 com os dados mais recentes sobre o perfil dos jornalistas científicos latino-americanos podemos constatar que houve uma mudança no perfil de gênero nesse campo profissional. Os dois *surveys* mais recentes sobre o perfil dos jornalistas científicos latino-americanos observaram uma maioria feminina de 59% entre os 275 jornalistas respondentes de 16 países da região (Massarani et al., 2012) e 60% entre os 179 jornalistas respondentes de 18 países (Massarani et al., 2022). Isso indica que houve uma mudança significativa no perfil de gênero no campo, refletindo tendências gerais de feminização tanto no jornalismo (Neveu, 2006) quanto na ciência (Vera de Flachs, 2005).

No entanto, a maioria feminina ainda não impacta a cobertura de ciência e tecnologia. Embora mais da metade dos jornalistas científicos latino-americanos afirme buscar um equilíbrio de gênero na escolha das suas fontes (Massarani et al., 2022), mulheres cientistas ainda hoje são sub-representadas - cientistas homens têm mais chance de serem citados como fontes

especializadas (Massarani et al., 2019), o que também tem relação com as desigualdades de gênero nas carreiras científicas. Além disso, sua representação é ainda acompanhada de estereótipos de gênero (Massarani et al., 2019).

Sabemos que havia mulheres entre as lideranças, especialmente no caso venezuelano. Segundo o colombiano Antonio Cacua Prada, em entrevista concedida em maio de 2023⁶, a delegação venezuelana se destacava pela participação feminina nos congressos da AIPC. Efetivamente, dos 17 nomes levantados, 8 eram mulheres. No entanto, no conjunto, há menos informação disponível sobre elas. No México, por exemplo, registra-se o nome de Elizabeth Islas de Vega, esposa de Javier Vega Cisneros, que, também jornalista, participou dos congressos da AIPC e apresentou palestras, mas sobre a qual praticamente não há informações disponíveis. No Chile, Luz Marta Rivera foi uma das fundadoras da *Asociación Chilena de Periodismo Científico* e participou dos congressos da AIPC, mas também não encontramos mais dados sobre ela. Já a venezuelana Jenara Álvares Cáceres teve participação importante no campo paraguaio, sendo uma das criadoras do *Círculo Paraguayo de Periodismo Científico* em 1976, mas muito pouco se sabe sobre ela. Se, por um lado, a presença feminina era reduzida, por outro lado, há também uma dificuldade de encontrar registros sobre elas.

Diante disso, podemos nos perguntar: quem foram as primeiras jornalistas de ciências da América Latina? Como se deu sua participação no movimento das décadas de 1960 e 1970 e nos eventos da AIPC? Que trajetórias profissionais seguiram? Por que (ou mais “como”) não foram tão visíveis e influentes quanto os homens? Essas perguntas ficam em aberto e podem ser respondidas em futuras pesquisas.

Produção intelectual e publicação de artigos e livros sobre divulgação científica ou jornalismo científico

Uma última característica que pudemos observar foi que parte desse grupo não se restringiu à publicação de artigos e matérias de divulgação científica nos jornais. Entre os que mantiveram carreira científica no início da carreira ou concomitante ao jornalismo, vemos a publicação de livros e artigos científicos de suas áreas. Alguns também publicaram artigos e livros com reflexões teóricas sobre divulgação ou jornalismo científicos. Para citar apenas uma obra de cada: *Evolución de la Ciencia en el Periodismo* (1967), de Miguel Muhlmann (Argentina); *Ciência e Jornalismo* (1972), de José Reis (Brasil); *Ciencia y tecnología, dos bienes sociales* (1985), de Aristides Bastidas (Venezuela); e *Teoría y Práctica del Periodismo Científico* (2002), de Sergio Prenafeta (Chile).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos analisar o perfil coletivo do conjunto de jornalistas científicos latino-americanos que se agruparam em torno do projeto da *Asociación Iberoamericana de Periodismo Científico* (AIPC) no final da década de 1960, durante a década de 1970 e início da década de 1980, como uma forma de responder parcialmente à pergunta sobre quem foram os pioneiros do jornalismo científico profissional na região. O método da biografia coletiva ou prosopografia foi importante por permitir detalhar alguns aspectos do grupo em questão, com ênfase para seu perfil etário e de gênero, sua escolaridade, sua produção intelectual, sua atuação profissional e filiações partidárias.

Foi possível observar que eram poucos os jornalistas de cada país envolvidos com as ações da AIPC, com exceção da Venezuela, que se destacava com um grupo mais amplo e ativo desde o início e com um viés político mais à esquerda do que outros. Também foi possível observar que a maioria dos primeiros jornalistas científicos latino-americanos, campo majoritariamente masculino à época, migrou de carreiras em ciências, medicina e humanidades para o jornalismo, mantendo conexões com instituições acadêmicas e sociedades científicas, alguns atuando no ensino universitário e com produção intelectual sobre jornalismo científico e divulgação científica, enquanto os mais jovens obtiveram diplomas em Jornalismo ou Comunicação, refletindo a transição gradual para uma formação mais especializada na área.

O estudo tem limitações, pois há importantes lacunas de dados sobre alguns dos jornalistas do grupo. No entanto, com os dados disponíveis, buscamos observar algumas questões que nos permitam um primeiro retrato da formação do campo do jornalismo científico latino-americano, levantando novas questões e abrindo caminho para futuras pesquisas.

Data de submissão: 3 de maio de 2024

Data de aceite: 3 de outubro de 2024

Agradecimentos

Este estudo foi realizado no escopo do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT), apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Magalhães agradece ao CNPq e à Faperj pelas bolsas de doutorado. Massarani agradece ao CNPq pela bolsa Produtividade em Pesquisa PQ1B e agradece à Faperj pelo Cientista do Nosso Estado.

NOTAS

¹ Com exceção de José Reis, todos os outros exerceram cargos de presidente ou vice-presidente da AIPC.

² Analisar o jornalismo científico como um campo, nos termos de Bourdieu (2005), ou como um subcampo no interior do campo jornalístico (Marchetti, 2020), permite a observação sociológica de como os agentes (indivíduos ou instituições) nele inseridos determinam a estrutura do campo conforme suas posições nessa estrutura e seus acúmulos de capital simbólico. Cada jornalista pode ser, assim, observado no interior de uma rede de estratégias, de solidariedades e de lutas que os ligam a outros membros de dentro e de fora do campo.

³ Considerado o nome mais importante da divulgação científica brasileira, Reis iniciou-se no jornalismo científico ainda no final da década de 1940. Durante seis décadas escreveu uma coluna dominical sobre ciência no jornal *Folha de São Paulo*. Reis foi também o

primeiro presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Científico e uma figura atuante em temas de política científica e educação científica. Como prova de sua importância, o principal prêmio brasileiro de divulgação científica, oferecido desde 1978 pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), chama-se Prêmio José Reis em sua homenagem. José Reis não pôde estar presente em nenhum dos Congressos da AIPC, mas enviou mensagens aos participantes, lidas no início dos congressos.

⁴ Entrevista realizada virtualmente no dia 23 de novembro de 2023.

⁵ Entrevista realizada virtualmente no dia 30 de outubro de 2023.

⁶ Entrevista realizada virtualmente no dia 11 de maio de 2023.

REFERÊNCIAS

- Alves, J. P. (2018). *A acomodação do discurso científico na produção de José Reis no grupo Folha (1947-2002)* [Dissertação de mestrado, Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz]. ARCA – Fiocruz.
- Bauer, M. W. (2012). Public Attention to Science 1820-2010 - A 'Longue Durée' Picture. Em *The Sciences' Media Connection - Communication to the Public and its Repercussions* (pp. 35-57). Springer.
- Bauer, M. W., Howard, S., Ramos, Y. J. R., Massarani, L., & Amorim, L. (2013). *Global science journalism report: Working conditions & practices, professional ethos and future expectations*. Science and Development Network.
- Bourdieu, P. (2005). The Political Field, the Social Science Field, and the Journalistic Field. Em R. Benson & É. Neveu (Orgs.), *Bourdieu and the Journalistic Field* (pp. 29-47). Polity Press.
- Bueno, W. da C. (1984). *Jornalismo científico no Brasil: Os compromissos de uma prática dependente* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP.
- Calvo Hernando, M. (1966). Encuentro entre científicos y periodistas: Se ha celebrado en Buenos Aires una mesa redonda sobre periodismo científico. *Gaceta de la Prensa Española*, 47-55.
- Calvo Hernando, M. (2005). Ciencia y Periodismo Científico en Iberoamérica. *Diálogos: La Insignia*. http://www.lainsignia.org/2005/marzo/dial_002.htm
- Cerchiaro, M. M., & Alves, C. (2022). Mulheres, histórias e arquivos. *História e Cultura*, 11(1), 13-21. <https://doi.org/10.18223/hiscult.v11i1.3689>
- Charle, C. (2006). A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. Em F. M. Heinz (Org.), *Por outra história das elites* (pp. 41-54). Editora FGV.
- Cortassa, C., & Rosen, C. (2020). Argentina: Contexts, agents and practices in science communication. Em T. Gascoigne, B. Schiele, J. Leach, M. Riedlinger, B. V. Lewenstein, L. Massarani, & P. Broks, *Communicating Science: A Global Perspective* (pp. 103-124). Australian National University Press.
- CPCV. (1974). *Memoria: 1er congreso iberoamericano de periodismo científico. Caracas, 1974. 10/16 febrero*. Círculo de Periodismo Científico de Venezuela.
- Daza-Cacedo, S., Barbosa-Gómez, L., Arboleda-Castrillón, T., & Lozano-Borda, M. (2020). Colombia: Stories in the history of science communication. Em T. Gascoigne, B. Schiele, J. Leach, M. Riedlinger, B. V. Lewenstein, L. Massarani, & P. Broks, *Communicating Science: A Global Perspective* (pp. 227-252). Australian National University Press.
- Dunwoody, S. (1980). The Science Writing Inner Club: A Communication Link between Science and the Lay Public. *Science, Technology, & Human Values*, 5(30), 14-22. <https://www.jstor.org/stable/689304>
- Esteves, B., Massarani, L., & Moreira, I. de C. (2006). Ciência para Todos e a divulgação científica na imprensa brasileira entre 1948 e 1953. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, 4(1), 62-85. <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/rsbhc/article/view/592>
- Faria, G. A., Massarani, L., & Moreira, I. (2022). A ciência em marcha: Trajetória de Oswaldo Frota-Pessoa na divulgação científica. *Revista Brasileira de História da Ciência*, 15(1), 138-163. <https://doi.org/10.53727/rbhc.v15i1.640>
- Heinz, F. M. (2006). O historiador e as elites - à guisa de introdução. Em F. M. Heinz (Org.), *Por outra história das elites* (pp. 7-16). Editora FGV.
- LaFollette, M. C. (2023). *Writing for Their Lives: America's Pioneering Female Science Journalists*. The MIT Press.
- Lewenstein, B. (1989). Insiders and Almost-Insiders: British and American Science Journalism. *Science, Technology & Society seminar*, Ithaca, NY.
- Marchetti, D. (2020). Os subcampos especializados do jornalismo. *Plural - Revista de Ciências Sociais*, 27(2), 240-269. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcsoc.2020.179832>
- Massarani, L. (2021). Jornalismo científico na América Latina: Registro histórico do Primeiro Seminário Interamericano realizado na região em 1962. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 44(1), 273-285. <https://doi.org/10.1590/1809-58442021113>
- Massarani, L., Aguirre, C., Pedersoli, C., Reynoso, E., & Lindegaard, L. (2015). RedPOP: 25 años de red en comunicación de la ciencia en América Latina. Em L. Massarani (Org.), *RedPOP: 25 años de popularización de la ciencia en América Latina*. RedPOP; UNESCO; Museu da Vida / Casa Oswaldo Cruz / Fiocruz-COC.
- Massarani, L., Amorim, L., Bauer, M. W., & Oca, A. M. de. (2012). Periodismo científico: Reflexiones sobre la práctica en América Latina. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, 129, 73-77. <http://hdl.handle.net/10469/5143>
- Massarani, L., Bauer, M. W., & Amorim, L. (2013). Um raio X dos jornalistas de ciência: Há uma nova "onda" no jornalismo científico no Brasil? *Comunicação & Sociedade - São Bernardo do Campo*, 35(1), 111-129. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/25370>
- Massarani, L., Buys, B., Amorim, L., & Veneu, F. (2007). Growing, but foreign source dependent: Science coverage in Latin America. Em M. W. Bauer & M. Bucchi, *Journalism, Science and Society: Science communication between news and public relations*. Routledge.
- Massarani, L., Castelfranchi, Y., & Pedreira, A. E. (2019). Cientistas na TV: como homens e mulheres da ciência são representados no Jornal Nacional e no Fantástico. *Cadernos Pagu*, 56, e195615. <https://doi.org/10.1590/1809444920190560015>
- Massarani, L., Entradas, M., Felipe, L., Neves, F., Bauer, M. W., & Hilliar, S. (2021). *Global Science Journalism Report 2021: Working conditions and practices, professional ethos and future expectations*. SciDev.Net / CABI.
- Massarani, L., & Magalhães, D. (2023). Supporting National Science Journalism through International Organization: The Creation of the Ibero-American Association of Science Journalism. *Journalism Studies*, 25(5), 542-558. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2023.2274600>
- Massarani, L., & Moreira, I. de C. (2020). Brazil: History, significant breakthroughs and present challenges in science communication. Em T. Gascoigne, B. Schiele, J. Leach, M.

- Riedlinger, B. V. Lewenstein, L. Massarani, & P. Broks, *Communicating Science: A Global Perspective* (pp. 155-174). Australian National University Press.
- Massarani, L., Neves, L. F. F., Lougheed, T., & Hernández, N. B. (2022). *Science Journalism in Latin America and the Caribbean 2022: The perspective of science journalists*. Fiocruz/COC.
- Montes de Oca, A. (2017). Divulgación de la ciencia en Venezuela: Hacia la transformación necesaria. Em C. Bifano & I. Bonalde (Orgs.), *Planteamientos para una nueva visión de Ciencia, Tecnología y Educación Superior en Venezuela* (pp. 471-502). Academia de Ciencias Físicas, Matemáticas y Naturales de Venezuela.
- Neveu, É. (2006). *Sociología do jornalismo*. Edições Loyola.
- Reynoso-Haynes, E., Herrera-Lima, S., Nepote, A. C., & Patiño-Barba, L. (2020). Mexico: From simple and centralised to expansion, diversity and complexity. Em T. Gascoigne, B. Schiele, J. Leach, M. Riedlinger, B. V. Lewenstein, L. Massarani, & P. Broks, *Communicating Science: A Global Perspective* (pp. 567-596). Australian National University Press.
- Rosen, C., & Cruz-Mena, J. (2015). El periodismo de ciencia en América Latina. Em L. Massarani (Org.), *RedPOP: 25 años de popularización de la ciencia en América Latina* (pp. 63-73). RedPOP; UNESCO; Museu da Vida / Casa Oswaldo Cruz / Fiocruz-COC.
- Roy, F., & Saint-Pierre, J. (2006). A alta redação dos jornais de Quebec (1850-1920). Em F. M. Heinz (Org.), *Por outra história das elites* (pp. 203-222). Editora FGV.
- Sánchez-Mora, A. M. (2015). *La Divulgación de la Ciencia como Literatura* (3ª ed.). Dirección General de Divulgación de la Ciencia.
- Serra, P., & Bergamo, A. (2020). Apresentação do dossiê Sociologia do Jornalismo: por uma agenda de pesquisa. *Plural - Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, 27(2), 5-21. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2020.179833>
- Vera de Flachs, M. C. (2005). Mujeres latinoamericanas: Su inserción en los estudios superiores y en el campo de la investigación científica. *Revista Historia de la Educación Colombiana*, 8(8), 49-76. <http://hdl.handle.net/11336/115402>

Quem foram os pioneiros do jornalismo científico profissional na América Latina? Uma biografia coletiva dos jornalistas da Asociación Iberoamericana de Periodismo Científico

Who were the pioneers of professional science journalism in Latin America? A collective biography of the journalists of the Asociación Iberoamericana de Periodismo Científico

Qui étaient les pionniers du journalisme scientifique professionnel en Amérique latine ? Une biographie collective des journalistes de l'Asociación Iberoamericana de Periodismo Científico

¿Quiénes fueron los pioneros del periodismo científico profesional en América Latina? Una biografía colectiva de los periodistas de la Asociación Iberoamericana de Periodismo Científico

Pt. O jornalismo científico começou a se estruturar como campo profissional na América Latina a partir da década de 1960. Neste artigo, buscamos traçar uma biografia coletiva dos atores sociais latino-americanos que estiveram ligados à Asociación Iberoamericana de Periodismo Científico (AIPC), uma das primeiras associações internacionais de jornalistas científicos, fundada em 1969, que desempenhou um papel crucial na profissionalização do campo na região, promovendo cursos, congressos e facilitando a conexão entre jornalistas. O método das biografias coletivas visa identificar as características comuns de um grupo social dentro de um período histórico específico, destacando os elementos compartilhados que definem suas trajetórias e experiências. A partir da análise do acervo pessoal de uma das principais lideranças da AIPC, o jornalista espanhol Manuel Calvo Hernando, estabelecemos uma lista de 57 indivíduos de 16 países. Observamos dados como data de nascimento, gênero, formação acadêmica, jornais para os quais trabalharam, produção científica, produção sobre divulgação científica, orientação política, entre outros. Relacionando com os processos vividos no jornalismo, na ciência e na divulgação científica, buscamos apresentar as principais características do grupo que estruturou o jornalismo científico como profissão na região. Constatamos que a maioria dos primeiros jornalistas científicos latino-americanos migrou de carreiras em ciências, medicina e humanidades para o jornalismo, mantendo conexões com instituições acadêmicas e sociedades científicas. Alguns também atuaram no ensino universitário e produziram material teórico sobre jornalismo e divulgação científica. Nos primeiros anos da AIPC, a maioria dos jornalistas já estava em etapas avançadas de suas carreiras. Já os mais jovens eram egressos de cursos de Jornalismo ou Comunicação, refletindo a transição para uma formação mais especializada na área. O grupo era composto majoritariamente por homens, refletindo o predomínio masculino no jornalismo e na ciência na região. No entanto, ao longo do tempo, os congressos da AIPC passaram a contar com uma participação crescente de mulheres. Esses resultados contribuem para uma compreensão mais ampla do processo de profissionalização do jornalismo científico na América Latina, destacando as dinâmicas que moldaram o campo em seus primeiros anos.

Palavras-Chave: Jornalismo científico; Divulgação Científica; Manuel Calvo Hernando; América Latina

En. Science journalism began to structure itself as a professional field in Latin America starting in the 1960s. In this article, we aim to trace a collective biography of the Latin American social actors connected to the Asociación Iberoamericana de Periodismo Científico (AIPC - Ibero-American Science Journalism Association), one of the first international associations of science journalists, founded in 1969, which played a crucial role in the professionalisation of the field in the region by promoting courses, conferences, and facilitating connections among journalists. The collective biography method aims to identify the common characteristics of a social group within a specific historical period, highlighting the shared elements that define their trajectories and experiences. Based on the analysis of the personal archive of one of the main leaders of the AIPC, Spanish journalist Manuel Calvo Hernando, we established a list of 57 individuals from 16 countries. We observed data such as date of birth, gender, academic

background, newspapers they worked for, scientific production, work on science communication, political orientation, among others. By relating this data to the processes experienced in journalism, science, and science communication, we seek to present the main characteristics of the group that helped structure science journalism as a profession in the region. We found that most of the early Latin American science journalists migrated from careers in science, medicine, and humanities to journalism, maintaining connections with academic institutions and scientific societies. Some also worked in university teaching and produced theoretical material on journalism and science communication. In the early years of the AIPC, most journalists were already in advanced stages of their careers. The younger ones, however, were graduates of Journalism or Communication programmes, reflecting the transition to more specialised training in the field. The group was predominantly male, reflecting the male dominance in journalism and science in the region. However, over time, AIPC conferences began to see an increasing participation of women. These results contribute to a broader understanding of the professionalisation process of science journalism in Latin America, highlighting the dynamics that shaped the field in its early years.

Keywords: Science Journalism; Science Communication; Manuel Calvo Hernando; Latin America

Fr Le journalisme scientifique a commencé à se structurer en tant que champ professionnel en Amérique latine dans les années 1960. Cet article se propose de dresser une biographie collective des acteurs sociaux latino-américains qui étaient liés à l'Asociación Iberoamericana de Periodismo Científico (AIPC), l'une des premières associations internationales de journalistes scientifiques. Fondée en 1969, celle-ci a joué un rôle crucial dans la professionnalisation de ce champ dans la région, en organisant des cours et des congrès et en facilitant les échanges entre journalistes. La méthode de la biographie collective vise à identifier les caractéristiques communes d'un groupe social à une période historique donnée, en soulignant les éléments partagés qui définissent leurs trajectoires et leurs expériences. L'analyse du fonds personnel de l'un des principaux responsables de l'AIPC, le journaliste espagnol Manuel Calvo Hernando, nous a permis d'établir une liste de 57 personnes venant de 16 pays. Les données prises en compte comprenaient la date de naissance, le sexe, la formation universitaire, les journaux auxquels elles ont collaboré, les publications scientifiques, les articles de vulgarisation et l'orientation politique. Un croisement avec les évolutions observées au sein du journalisme, des sciences et de la communication scientifique nous a permis de dégager certaines caractéristiques du groupe qui a structuré le journalisme scientifique en tant que profession en Amérique latine. Ainsi, les premiers journalistes scientifiques de la région ont pour la plupart migré d'une carrière scientifique, médicale ou en sciences humaines vers le journalisme, sans perdre leurs liens avec les institutions académiques et les sociétés scientifiques. Certains ont aussi enseigné à l'université et publié des écrits théoriques sur le journalisme et la communication scientifique. Dans les premières années de l'AIPC, la majorité d'entre eux en étaient déjà à un stade avancé de leur carrière. Les plus jeunes étaient quant à eux diplômés en journalisme ou en communication, témoignant d'une transition vers une formation plus spécialisée dans ce domaine. Le groupe était surtout composé d'hommes, ce qui reflète la prédominance masculine dans le journalisme et la science latino-américains. Toutefois, la participation des femmes aux congrès de l'AIPC s'est accrue avec le temps. Ces résultats contribuent à une meilleure compréhension du processus de professionnalisation du journalisme scientifique en Amérique latine, en mettant en évidence les dynamiques qui ont façonné ce champ dans ses premières années.

Mots-clés : Journalism scientifique, Communication scientifique, Manuel Calvo Hernando, Amérique latine

Es El periodismo científico comenzó a estructurarse como campo profesional en América Latina a partir de la década de 1960. En este artículo, buscamos trazar una biografía colectiva de los actores sociales latinoamericanos que estuvieron vinculados a la Asociación Iberoamericana de Periodismo Científico (AIPC), una de las primeras asociaciones internacionales de periodistas científicos, fundada en 1969, que desempeñó un papel crucial en la profesionalización del campo en la región, mediante la promoción de cursos, congresos y conexiones entre periodistas. El método de las biografías colectivas pretende identificar las caracte-

terísticas comunes de un grupo social dentro de un periodo histórico concreto, destacando los elementos compartidos que definen sus trayectorias y experiencias. A partir del análisis de la colección personal de uno de los principales dirigentes de la AIPC, el periodista español Manuel Calvo Hernando, establecimos una lista de 57 individuos procedentes de 16 países. Observamos datos como fecha de nacimiento, género, formación académica, periódicos para los que trabajaron, producción científica, producción sobre divulgación científica, orientación política, entre otros. Al relacionar esto con los procesos vividos en el periodismo, la ciencia y la divulgación científica, buscamos presentar las principales características del grupo que estructuró el periodismo científico como profesión en la región. Constatamos que la mayoría de los primeros periodistas científicos latinoamericanos migraron de carreras de ciencias, medicina y humanidades al periodismo, manteniendo conexiones con instituciones académicas y sociedades científicas. Algunos también trabajaron en la enseñanza universitaria y produjeron material teórico sobre periodismo y divulgación científica. En los primeros años de la AIPC, la mayoría de los periodistas se encontraban ya en fases avanzadas de sus carreras. Los más jóvenes ya eran licenciados en periodismo o comunicación, lo que refleja la transición a una formación más especializada en este campo. El grupo estaba formado mayoritariamente por hombres, testimonio del predominio masculino en el periodismo y la ciencia en la región. Sin embargo, con el tiempo, los congresos de la AIPC han visto crecer el número de mujeres participantes. Estos resultados contribuyen a una comprensión más amplia del proceso de profesionalización del periodismo científico en América Latina, destacando las dinámicas que dieron forma al campo en sus primeros años.

Palabras clave: periodismo científico; divulgación científica; Manuel Calvo Hernando; América Latina

